DIÁLOGOS ENTRE A ESCOLA ESTRUTURALISTA E A EPISTEMOLOGIA GENÉTICA ATRAVÉS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

SILVA, Sinthia Moreira
Doutoranda em Cognição e Linguagem na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro - UENF
sinthia_moreira@hotmail.com

CURTY, Arthur Solordanos
Graduando em Psicologia na Universidade Federal Fluminense - UFF
arthurcurty@id.uf.br

FARIA, Ana Bruna Freitas
Graduanda em Pedagogia no Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert – ISEPAM
Anabrunafaria@gmail.com

LUQUETTI, Eliana Crispim França
Professora do Programa de Pós-Graduação em Cognição Linguagem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro-UENF
elinafff@gmail.com

RESUMO
Este estudo tem por objetivo propor uma aproximação entre Saussure e Piaget articulando os conceitos da Epistemologia Genética e a Escola Estruturalista através da Aquisição da Linguagem. Assim, pretende dedicar atenção especificamente para as suas aproximações pela aquisição da linguagem. Metodologicamente, o trabalho foi estruturado por uma pesquisa bibliográfica de base qualitativa, utilizando de textos de Saussure, Piaget, Fiorin (2015) e outros. Infere-se principalmente que Piaget aponta uma necessidade específica da aquisição da linguagem que não é tida como alvo por Saussure: a forma como o indivíduo entra no meio social para realizar o aprendizado dos signos linguísticos. Em contrapartida, por meio de Piaget compreende-se que é através do meio social que a criança chega à aquisição de novos signos, suas interações com o meio vão modificar as suas organizações através do mecanismo de assimilação e acomodação. Percebe-se que os "símbolos" são essenciais na transição para a utilização de signos linguísticos e Saussure, autor anterior a Piaget o influenciará em suas percepções sobre a linguagem, apesar de não ser possível definir o grau efetivamente.

Palavras-chave: Epistemologia Genética. Saussure. Aquisição da linguagem.

RESUME

This study aims to propose a rapprochement between Saussure and Piaget, articulating the concepts of Genetic Epistemology and the Structuralist School through Language Acquisition. However, we intend to dedicate attention specifically to their possible approximations through language acquisition. Methodologically, the work was guaranteed by qualitative bibliographical research, using references from Saussure, Piaget, Fiorin (2015) and others. Piaget points to a specific need for language acquisition that is not targeted by Saussure: the

way in which the individual enters the social environment to learn linguistic signs. It is understood from Piaget that it is through the social environment that the child arrives at the acquisition of new signs, their comfortable with the environment will modify their organizations through the mechanism of assimilation and accommodation. In addition, it is pointed out that "symbols" are essential in the transition to the use of linguistic signs and Saussure, an author before Piaget, will influence him in his transcriptions about language, although it is not possible to effectively define the degree.

ABSTRACT

Key-words: Genetic Epistemology. Structuralism. Language acquisition.

INTRODUÇÃO

O aprofundamento no terreno da linguística provoca o acesso a fenômenos antes fora do escopo de visão, tornando-se um tema para discussões, comparações e aproximações interdisciplinares apoiadas na ampla área que a linguagem abrange na cultura e sociedade. Assim, no presente trabalho propõe-se uma aproximação de dois autores que se voltaram para a linguagem e a compreensão do ato físico e individual da fala: Piaget e Saussure.

Saussure é um dos teóricos de maior importância para a linguística, considerado o criador da linguística moderna. Após sua teoria proporcionar o desenvolvimento da linguística como ciência autônoma, inaugura-se a primeira corrente linguística: o Estruturalismo. Seus pressupostos negam a visão tradicional da língua como sistema de classificação, voltando-se para um momento anterior à palavra, insigne na visão tradicional. Sua teoria conceitua a ideia - conceito- anteriormente à palavra, e esta existirá somente em função da ideia, sem exercer influência em sua criação, existindo somente por esse objetivo.

Entretanto, configura-se somente como uma pequena parte de sua obra, Saussure é determinante para fundamentar a área da Semiologia, trazendo à tona conceitos como a diacronia, a definição de linguagem e língua, o signo linguístico e sua linearidade, assim como a arbitrariedade do signo, entre outros. Sua teoria exposta através de aulas e cursos ministrados na Universidade de Genebra foram posteriormente compiladas por seus alunos no Curso de Linguística Geral, que indiscutivelmente influenciaram de forma decisiva o rumo dos estudos linguísticos.

Piaget, por sua vez, iniciou sua jornada no meio acadêmico aos 10 anos, tornou-se posteriormente um teórico de grande relevância em áreas como psicologia e pedagogia, além de essencial para o surgimento da corrente construtivista. Piaget (1983) definiu em uma de suas obras como um "antigo-futuro-filósofo" que ao longo da pesquisa, se transformou em

psicólogo e investigador da gênese do conhecimento, uma descrição assertiva sobre seu percurso académico. Sua teoria da Epistemologia genética, traça os estágios do desenvolvimento cognitivo, fundamentando o processo de desenvolvimento humano do nascimento à idade adulta. Em parte de sua pesquisa ocupou-se em compreender as condições necessárias para que o ser humano pudesse construir a linguagem, falada e escrita, tornando-se parte desta aproximação.

Apesar de compatriotas e de ambos terem lecionado na Universidade de Genebra, Saussure e Piaget não dividiram o mesmo espaço acadêmico dada a morte prematura de Saussure. Todavia, a obra mais importante de Saussure, dá-se de forma póstuma - três anos após sua morte -, em 1916, dois anos antes de Piaget receber seu doutorado. Dessa forma, não se pode afirmar o grau de influência de Saussure nas ideias de Piaget, mas entende-se que o contexto entre os dois promove facilitar o entendimento de como Piaget compreende a língua. O estudo fundamenta-se, portanto, nessa aproximação dos autores. Já que nesse caso, não existe réplica ou tréplica entre os autores, mas uma aproximação possível através de Piaget.

O presente artigo não visa explicar as duas teorias, mas ater-se a pontos que permitam a demonstração de articulações entre conceitos, propõem-se, portanto, um estudo de cunho bibliográfico para a promoção de um diálogo entre a Epistemologia Genética e a Escola Estruturalista através da Aquisição da Linguagem.

1 SAUSSURE: LÍNGUA E LINGUAGEM

Os seres humanos dominaram diversos modelos complexos para entender fenômenos que tangenciam o cotidiano. A matemática e a física apontam para fenômenos de forma a classificá-los dentro de seus parâmetros de unidade, modificá-los através de operações lógicas e assim produzir um fator final. Tratando da língua, existem diversas formas de classificações, entretanto, Saussure propõe uma nova forma de observar este fenômeno e classificá-lo de acordo com seus parâmetros de unidade. Tradicionalmente, seres alfabetizados procuram sentido na justaposição de sinais gráficos previamente demonstrados como pertencentes a uma língua. Informalmente no cotidiano se é atravessado por uma realidade dotada de signos, todavia, a verificação de sentido acerca de tais signos depende de um conteúdo referencial já pressuposto ao falante daquela língua.

Um falante de italiano e um falante da língua portuguesa compartilham o uso do alfabeto latino, o que torna familiar observar a justaposição de sinais gráficos pertencentes a esse alfabeto. Todavia essa justaposição familiar não confere necessariamente o mesmo sentido quando se observa um mesmo exemplo pela ótica de duas línguas diferentes, por mais que tenham semelhanças quanto a grafia de seus representantes gráficos. Tais observações são pressupostos básicos da linguagem que podem ser aferidos também de forma empírica pela expressão da oralidade, corroboram para o entendimento de que existe alguma relação entre a representação gráfica de uma palavra e seu conceito.

A partir das áreas temáticas propostas pelo presente trabalho, compreende-se como necessário entender pressupostos básicos do campo da linguagem. Primeiramente, a língua.

> Mas o que é língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (SAUSSURE, 2006, p.17)

Como parte essencial de um mecanismo de comunicação, a língua procura viabilizar a articulação de ideias de forma a constituir uma informação. Portanto, como afirma Saussure (2006), é a faculdade de construir uma língua, um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas, que é natural ao homem, não a linguagem.

Dessa forma, vale dizer que a constituição de uma determinação de convenção possibilitadora da comunicação, língua, não necessariamente influi na criação de regras universais para a comunicação. Mas sim na observação da língua, tanto sua expressão oral quanto escrita, em seu uso corriqueiro e formal, predispondo a demonstração de aspectos expressos pela escolha e aplicabilidade particular dos signos para cada língua.

Logo, a linguagem, expressão da língua, se caracteriza pela sua dinamicidade, a capacidade de se modificar em relação a movimentos antropológicos, abarcando novos signos e modificando os já existentes. “A linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (SAUSSURE, 2006, p.17). É notável então o papel abrangente da língua para o cotidiano, a dualidade proposta por Saussure afirma a linguagem como uma forma de organizar-se em relação a si mesmo.

Portanto, passar por experiências como sonhos, pensamentos, tomadas de decisões, demonstra que a linguagem pode, subjetivamente ou não, influenciar na forma como o

indivíduo lida consigo mesmo. Já a proposta de Saussure acerca de um lado social condiz com Aristóteles (1991) que considera a natureza do homem viver em sociedade, isso é evidenciado para Saussure através da necessidade humana de comunicação, ou seja, exprimir uma mensagem que poderá ser entendida por outro ser humano.

Inevitavelmente, em primeira análise, é possível entender como uma tarefa simples se comunicar. Porém, existem diversos percalços relacionados ao outro, principalmente na garantia de entendimento da mensagem por meio deste. Aspectos sociais e econômicos podem ser fatores determinantes para o sucesso da comunicação uma vez que as localizações geográficas, níveis de escolaridade, prismas culturais, podem influenciar na forma como o receptor, aquele que recebe a mensagem, entende o destinatário, aquele que envia a mensagem.

De acordo com Jakobson (1991), a comunicação informativa detém como principal ferramenta o uso da linguagem. Portanto, a construção de sentidos e idealizações, assim como a própria escolha de signos para a comunicação em uma conversa, mesmo que casual, respeita algumas determinações intrínsecas à essa forma de comunicação. Assim, "...para que haja comunicação, não basta que um remetente envie uma mensagem a um destinatário, pois, para que essa mensagem seja compreendida, é necessário que ela preencha algumas condições" (MARTELOTTA, 2022, p.32). O uso cotidiano da linguagem provoca uma banalização da mesma em relação a essas possíveis ferramentas pelo próprio falante, que muitas vezes não se atém a esses recursos que podem garantir uma melhor comunicação.

Através disso, pode-se perceber a comunicação efetiva através de uma construção de sentidos desenvolvida respeitando o repertório de conhecimentos entre todas as partes. A importância desse processo se dá principalmente através da linguagem, o uso do signo linguístico como unidade de comunicação demonstra que não basta a justaposição aleatória de sinais gráficos para a conferência de sentido, a posição desses sinais também influencia na forma como se é interpretado.

Além disso, palavras com uma mesma posição de sinais gráficos podem dotar de significados diferentes. Traçando um paralelo ainda entre a língua italiana e a língua portuguesa, o conjunto gráfico "palestra" denota duas explicações; em italiano, pode-se traduzir para a ideia de "academia", já em português, tem-se como uma apresentação muitas vezes oral que pretende apresentar alguma informação de forma pedagógica ou não.

"O termo "código" constitui um conjunto de sinais ou signos convencionados para promover a comunicação entre as pessoas. São códigos as línguas faladas no mundo como o português e o italiano, assim como suas correspondentes escritas" (MARTELOTTA, 2022, p.3). Portanto, o entendimento da língua através da ligação racional entre os sinais gráficos e os conceitos correspondentes a sua organização antes de mais nada corrobora também para o entendimento da linguagem. Sua função é imprescindível e o domínio da organização através da língua gera tal entendimento potencial dos sinais gráficos dispostos de maneira especificamente convencionada.

Saussure demonstra uma interligação entre as então demonstradas imagens visuais, sinais gráficos, conjuntos gráficos, expondo que a natureza de organização entre símbolos gráficos e seus respectivos conceitos é um arranjo sistemático chamado de signo. Para tratar da noção de signo linguístico dentro de sua obra, Fiorin (2015) se debruça sobre Saussure (1969 apud FIORIN, 2015), que descreve o signo linguístico como a interligação entre um conceito e uma imagem acústica, propondo às duas ideias anteriores as denominações respectivas de significado e significante. Através da interpretação de Fiorin (2015), é possível observar que o significado só existe através de uma veiculação sonora - significante -, e o significante se torna inexistente sem significado. Antes de prosseguir torna-se necessário investigar as barreiras e possibilidades acerca dos conceitos de significante e significado presente no signo linguístico.

A utilização de signos linguísticos varia de forma proporcional com as necessidades que o veículo de comunicação emprega para quem está se comunicando. "A existência de outras linguagens obriga a ampliar a definição de significante. [...] Nas línguas de sinais é um gesto; nas linguagens visuais, uma representação visual. O significado é aquilo que se entende quando se usa o signo, é sua parte inteligível" (FIORIN, 2015, p.60). Tal fato denota a função social da linguagem, além de ser responsável pela comunicação, também demonstra uma historicidade cultural muitas vezes marcada por variáveis culturais, geográficas e até socioeconômicas.

"Assim sendo, as faces que compõem o signo linguístico são ambas psíquicas e estão ligadas em nosso cérebro, por um vínculo de associação" (COSTA, 2022, p.119). O vínculo associativo presente na ideia de signo linguístico torna-se parte de sua classificação e caracterização. Para compreender a motivação que assegura a associação para o signo

linguístico faz-se necessário compreender essa vinculação entre significado e significante, o que nos leva a Arbitrariedade do signo.

A arbitrariedade do signo é um dos dois princípios apontados por Saussure como de suma importância para a compreensão da complexidade do signo linguístico. Tal princípio compreende que o laço que une o significado e o significante e constitui o signo não é natural e sim arbitrário, entende-se por laço natural o proposto pela corrente naturalista em que “as palavras eram, de fato, relacionadas por natureza às coisas que elas significavam" (COSTA, 2022. p. 119). Portanto, para Saussure não existe ligação entre o conceito e a sequência de sons que utilizasse para representá-lo, o que leva o mesmo conceito a ser representado por outro conjunto de sons. Logo, a junção convencionada entre significante e significado não é uma regra universal, a ligação entre significante e significado é determinada por cada língua, pois não há influência natural que faça o significante ser similar em todas as línguas.

Saussure determina que a construção do signo é cultural e convencionada. O signo repousa, portanto, em um hábito coletivo que parte de um acordo implícito entre os membros da sociedade em questão. Por conseguinte, como no exemplo dado por Costa (2022), quando nos referimos a um “conjunto de páginas capaz de guardar uma obra literária, científica, artística e etc.” como “livro” em português, “book” em inglês ou “livre" em francês, não há motivação especial na escolha do termo, apenas um acordo do conjunto social que o utilizará.

Os símbolos, no entanto, não seguem a arbitrariedade dos signos, tendo como característica principal não ser jamais completamente arbitrário. Enquanto o signo apresenta um caráter artificial entre conceito e imagem acústica, o símbolo baseia-se em uma relação de figuração do conceito, que não pode ser dada como natural, mas se vincula a ele, como afirma Saussure “(...) ele (o símbolo) não está vazio, existe um rudimento de vínculo natural entre o significante e o significado” (SAUSSURE, 2006, p. 82). Diferente do signo, o símbolo não pode ser usado para uma comunicação em que o indivíduo transmite ideias e sentimentos a outros indivíduos, mas efetiva a representação do conceito, o exemplo dado por Saussure (2006) é a balança, símbolo da justiça, que efetivamente representa um significado.

Os pontos que poderiam ser apontados como contraditórios a escolha arbitrária do significante, seriam as onomatopeias, essas unidades linguísticas (como o au, au e o tic-tac) poderiam ser compreendidas como naturais por serem motivadas de certa forma. No entanto Saussure aponta que sua escolha, de certo modo, já é arbitrária, “pois que não passam de

imitação aproximativa e já meio convencional de certos ruídos. (...) Além disso, uma vez introduzidas na língua, elas se engrenam mais ou menos na evolução fonética, morfológica etc., que sofrem as outras palavras" o que provaria que elas se adequam - perdendo parte da sua característica primária - e adquirem a característica do signo linguístico geral, que é arbitrário (SAUSSURE, 2006, p.83).

Ademais, Saussure define dois princípios ao signo. O segundo princípio, portanto, é o caráter linear do significante. De acordo com Saussure (2006), os significantes de natureza auditiva apresentam-se em uma extensão de apenas uma dimensão de forma a construir uma linha. Seus elementos, em especial os sons, são apresentados sequencialmente, um após o outro formando assim uma cadeia, pois não se pode pronunciar dois sons ao mesmo tempo. "Esse caráter aparece imediatamente quando os representamos pela escrita e substituímos a sucessão do tempo pela linha espacial dos signos gráficos" (SAUSSURE, 2006, p.84).

Tratando-se de um comportamento corriqueiro e banalizando, a ideia de linearidade não é exposta com a relevância dada pelo seu teórico, contudo ele também é fundamental para o mecanismo da língua, tendo a mesma relevância que o princípio anteriormente descrito.

2 PIAGET: EPISTEMOLOGIA GENÉTICA

Piaget, biólogo de formação, desempenha o papel de acompanhar o desenvolvimento da criança observando as suas interações com o meio. A Epistemologia Genética, sua teoria, acompanha a amplificação anatômica e cognitiva da criança na sua adaptação ao meio e a incorporação de novos conhecimentos. As transições propostas por Piaget demonstram diversos pontos de aquisição de novas capacidades. Assim, com novas características, denota-se a passagem por parte da criança sob períodos - mudança estrutural que ocorre num recorte temporal com início, meio e fim não determinado - desenvolvendo-se intelectualmente avançando em sua noção estrutural. "Sabemos assim, sendo dado que a criança atinge tal ou qual estrutura, que ela é capaz de uma multiplicidade de operações distintas, e às vezes sem nenhum parentesco visível entre elas na primeira abordagem" (PIAGET, 1983, p. 236).

Para Piaget (1983), as estruturas determinantes de cada período serão componentes integrados nas estruturas dos próximos períodos. Essa característica demonstra um fundamento que se repetirá por todo o plano teórico de Piaget, o conhecimento é construído

de forma ordenada. “Para que haja estágios, é necessário primeiramente que a ordem de sucessão das aquisições seja constante. Não a cronologia, mas a ordem de sucessão”. Dessa forma, tem-se como caráter fundamental ao pensamento de Piaget estabelecer uma progressão ordenada baseada na mudança de estruturas que irão culminar em novas possibilidades para a criança (PIAGET, 1983, p. 235).

A inteligência toma protagonismo em diversas discussões propiciadas por Piaget, essa ocorrência deve-se à observação do domínio de características chave como sucesso para a aquisição de novas estruturas. Piaget (1983) caracteriza um estágio por uma estrutura de conjunto relacionando esse conceito com seu domínio, uma vez que por meio de seu domínio é possível determinar quais novas operações ela poderá fazer. Através da caracterização dos períodos os quais dá-se o desenvolvimento da criança, permite-se também mudar a atenção para a observação do desenvolvimento de estruturas específicas de uma fase em especial.

Dessa forma, o enfoque tomado será localizado na aquisição da linguagem, especificamente em seus desdobramentos na transição do sensório-motor para o período operacional formal, a qual corrobora para “O aparecimento da função simbólica sob suas diferentes formas: linguagem, jogo simbólico (ou de imaginação) em oposição aos jogos de exercício somente representados até então, (...)”. Especificamente para a aquisição da linguagem a criança passa por uma mudança grande, que apesar de gradativa, caracteriza uma oposição a visão de mundo antes aplicada por ela em seu ambiente de interação (PIAGET, 1983, p. 239).

A função simbólica - ou função semiótica - é determinante para a aquisição de uma nova estrutura, uma vez que ela “consiste em poder representar alguma coisa (um significado qualquer: objeto, acontecimento, esquema conceitual etc.) por meio de um significante diferenciado e que só serve para essa representação: linguagem, imagem mental, gesto simbólico etc”. Essa, portanto, funda para a criança um aspecto que reverbera até a sua maturidade, a possibilidade de evocar um conceito ausente através de uma evocação simbólica que poderá ter significado convencionado após seu domínio. (PIAGET; INHELDER, 1986, p. 46)

O domínio sob a função semiótica é construído através da estrutura anterior, seu ponto de partida. O período anterior à consolidação da função semiótica dá-se no período sensório-motor. “As conexões estabelecidas pela inteligência sensório-motora ligam apenas percepções e movimentos sucessivos, sem uma representação de conjunto que domine os

estados distintos no tempo e que organize as ações, refletindo-as simultaneamente num quadro total." Assim, as organizações estruturais realizadas até o momento priorizam estabelecer a criança como corpo em relação a um mundo que não denota sentido, somente dedicada à sobrevivência (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 2008, p. 63-64).

> É uma inteligência puramente vivida e não pensada, ou seja, representada de forma organizada. Sendo seu domínio delimitado pelo emprego de instrumentos perceptivos e motores, ela só trabalha sobre o concreto, indícios perceptivos e sinais motores e não sobre signos, símbolos e esquemas representativos ou conceitos verdadeiros que implicam a inclusão de classes e relações. (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 2008, p. 64)

Priorizando a sua sobrevivência, a criança recompensa a falta de significação em sua volta através da obtenção de sucesso em atividades que irão garantir a sua sobrevivência. Sendo assim, o exercício principal para a existência é o foco nos estímulos captados pela sua percepção, sua maior ferramenta até esse ponto. A mudança de paradigma sobre a principal ferramenta de classificação e interação com o ambiente externo para uma nova forma representativa de realizar as mesmas ações é um grande obstáculo para superar, sua transição reforma toda a estrutura anterior.

> Ora, essas ações que constituem o pensamento, essas ações interiorizadas, é necessário aprender primeiramente a executá-las materialmente; elas exigem primeiramente todo um sistema de ações efetivas, de ações materiais. Pensar, é por exemplo classificar, ou ordenar, ou correlacionar; é reunir, ou dissociar, etc. Mas todas essas operações, é necessário primeiramente executá-las materialmente em ações para em seguida ser capaz de construí-las em pensamento. (PIAGET, 1983, p. 216)

A importância da estrutura anterior para uma nova estrutura é sempre no sentido de integrar uma nova habilidade a um repertório já existente. Essa base mecânica de aquisição para Piaget é a forma como novos conteúdos podem ser incorporados às estruturas já existentes, modificando-as.

> A essa modificação, Piaget chama de acomodação dos esquemas: quando um bebê procura pegar um cordão preso no teto de seu berço e o cordão está fixo, é obrigado a puxar em vez de pegar. Esta acomodação já testemunha uma atividade do sujeito que reage compensando a resistência do objeto como que para restabelecer o equilíbrio do organismo perturbado pelo meio. Assim, os esquemas ou assimilam os objetos ou se acomodam a eles, o que quer dizer que se equilibram por ocasião de cada variação do meio. Em

> presença de um objeto novo, a criança tenta assimilá-lo, aplicando-lhe sucessivamente todos os esquemas dos quais dispõe: o objeto será apanhado, chupado, balançado, etc. O esquema funciona então como um conceito prático. (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 2008, p. 56)

Sendo assim, a criança usa seu referencial de mundo através da implementação de suas estruturas como forma de classificação de um novo componente. Durante a aquisição da linguagem, a criança partirá de estruturas pouco próximas de ser uma representação convencionada de significante e significado, como na língua. Todavia, com o exercício de tentativas e o contato com um ambiente social, a criança alcança a comunicação através de signos convencionados socialmente. A organização propiciada pela língua permite um novo parâmetro de organização para a criança, fundamentado na capacidade de utilizar imagens mentais para relacionar conceitos.

> As imagens mentais serão ligadas entre si pelas relações lógicas previstas no funcionamento das estruturas mentais orgânicas específicas para o ato de conhecer que permitirão o nascimento da linguagem falada como verbalização desse entrelaçamento imagístico que refletirá as ações da criança no seu mundo. (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 2008, p. 51)

Entretanto, antes de refletir-se no mundo através da verbalização, a criança precisa transpor essa barreira. “No início da aquisição da linguagem, as palavras da língua (signos) são usadas pela criança ainda como símbolos, ou seja, são usadas como significados particulares, só seu, por exemplo, ‘nenê’ para designar seres humanos, ‘au-au’ para designar qualquer animal” (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 2008, p. 58).

O uso de signos como símbolos mostra que inicialmente a criança não tem intenção de socializar uma ideia através da verbalização de fonemas, mas sim repetir aquilo para si mesmo, uma vez que seu significado é individual para a criança. Por exemplo, "Piaget fala de sua filhinha que nomeava tch tch tudo que aparecia e desaparecia visto de uma janela (trens, automóveis, pessoas etc.). Posteriormente, percebe que a mesma denominação é dada a ele próprio, quando brinca com a garota de ‘esconde-esconde’”. Assim, entende-se que não existe uma correlação que respeite alguma convenção, na verdade, a correlação observada diz respeito a variáveis sobre a percepção da criança (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 2008, p. 58).

Dessa forma, tem-se uma relação entre significante e significado naturalmente imposta pela criança sem necessidade de referencial externo. Na Epistemologia Genética, de

acordo com Tassinari (2010), diz-se de forma generalizada que símbolo é um significante em conformidade com seu significado, enquanto no signo essa relação é convencionada pelo uso de uma língua específica. A operação inicial sobre um significante pode parecer pouco sofisticada à primeira vista, mas configura-se como estágio inicial para um processo complexo marcado ainda por um ponto de vista perceptivo.

A transição de uma representação perceptiva para uma representação verdadeiramente imbricada por um significado exclui indícios do emprego da percepção como foco, mas para que isso possa acontecer, Piaget (Apud RAMOZZI-CHIAROTTINO, 2008) determina quatro condições:

> 1. Que haja representação do conjunto, graças a uma aceleração geral dos movimentos, onde as ações sucessivas se fundam num todo móvel de ação conjunta: o desenvolvimento rápido do "filme" da conduta constituiria, assim, a representação interior concebida como esquema, ou esquema antecipador do ato. 2. Que haja uma tomada de consciência que mostre as relações entre estas representações, isto é, que passe o filme nos dois sentidos. A constatação e a explicação, fundamentadas na classificação hierárquica e na seriação das relações, substituiria, assim, a simples busca do fim prático. 3. Que haja um sistema de signos sobrepondo-se às ações, permitindo a construção dos conceitos gerais necessários a estas classificações e seriações. 4. Que haja a socialização, que acompanha as trocas simbólicas inserindo o pensamento individual em uma realidade objetiva e comum. (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 2008, p. 65).

Assim, Piaget determina como ponto focal a operação sobre significados, onde a criança terá capacidade de operar significados sem a necessidade de significantes. Por exemplo: Um indivíduo sabe que para entrar em sua academia, deverá portar uma identificação. Ao esquecer da identificação enquanto sai para o trabalho, sabe que não poderá ir à academia após o expediente e terá que se direcionar de volta para sua casa. Entende-se que a identificação é um pressuposto para a entrada na academia, sua ausência provoca a necessidade de apontar as consequências e possibilidades sobre uma situação hipoteticamente futura, algo não presente no plano real.

A partir desse momento a criança torna possível "uma nova e lenta evolução estrutural que reproduzirá sobre o novo plano das representações aquilo que realizou e organizou no domínio sensório-motor". Assim, a criança além de acomodar novos estímulos, também irá classificar os frutos do período sensório motor, provocando um avanço também nos esquemas relacionados à língua (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 2008, p. 65).

> Na representação, ao contrário, as acomodações anteriores se conservam no presente a título de "significantes" e as assimilações anteriores a título de significações: é assim que a imagem mental, prolongamento das acomodações anteriores, intervém na atividade, tanto lúdica quanto conceitual, a título de símbolo. É graças à imagem assim entendida que os dados atuais podem ser assimilados a objetos não percebidos e simplesmente evocados, quer dizer, revestidos de significações fornecidas pelas assimilações anteriores. O caminho que foi percorrido no plano sensório-motor deve ser refeito nesta nova etapa, até a coordenação completa dos diferentes processos assim diferenciados. (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 2008, p. 65)

Dessa forma a criança chega finalmente ao uso apropriado do signo coletivo. Nesse trajeto a criança ganha a habilidade de comunicação, fator determinante para a obtenção de novos estímulos. A inserção da criança no ambiente é determinante para que esta expresse suas aspirações através da língua, uma área de absorção de conhecimento pela convenção de significantes, propondo contato com novos conteúdos a serem assimilados.

3 APROXIMAÇÕES ALCANÇADAS

Inicialmente, faz-se mister entender que Piaget define um sujeito específico para estudo, obtendo a observação de diversos fenômenos corriqueiros através da Epistemologia Genética. Para a aquisição da linguagem, Piaget acompanha um ser que se desenvolve anatomicamente e cognitivamente enquanto entende convenções sociais como a língua e outros aspectos relacionados ao convívio em sociedade.

Durante esse processo, Piaget entende que a criança realiza suas operações através dos esquemas que possui até aquele momento. Na teoria de Saussure, não se define um sujeito para descrever aspectos da língua, pois o objetivo de Saussure era estabelecer parâmetros para a língua; Piaget, não. O sujeito cumpre papel determinante na aquisição da linguagem pois as suas capacidades irão determinar a forma como ocorrerá tal processo.

> O grande lingüista italiano, Prof. Tullio De Mauro (1969), parece estar inteiramente de acordo com esta idéia, pois, nos comentários sobre a obra de Saussure (1975), diz que a "faculdade" a qual se refere Saussure, ou seja, a de constituir sistemas de significados e de significantes associados em signos (anterior à constituição das próprias línguas), é condicionada pela capacidade de elaborar todo um sistema de esquemas que prefiguram certos aspectos das estruturas de classes e relações, segundo as indicações de Piaget, diz

ele. (RAMOZZI-CHIAROTTINO, 2008, p. 66).

Portanto, a forma como a criança lidará com diversos conceitos dispostos na teoria de Saussure será coerente com a vigência de suas estruturas. O uso inicial de signos de forma não arbitrária, ou seja, como símbolos demonstra a necessidade de construção por parte desse sujeito. A progressão das estruturas na criança deságua no uso convencionado do signo, assim como suposto por Saussure.

Para Piaget a junção mental entre significante e significado nasce a partir da função semiótica. Saussure pressupõe o uso de significantes e significados como uma forma de organização do mundo, o que é demonstrado pela mudança do sensório-motor para o período operatório. A mudança de uma visão de mundo priorizada pela visão concreta possibilitada somente pela percepção do lugar as representações imagéticas ligadas a uma imagem evocativa que pode variar de acordo com a cultura daquela sociedade a qual a criança está inserida. A caracterização do mundo através de suas assimilações é retrabalhada após tal transição, ou seja, a observação do mundo por signos é uma ideia natural tanto a Saussure quanto a Piaget.

Um ponto pertinente às duas teorias é o ambiente externo. Tanto Piaget quanto Saussure acreditam no ambiente como fator potencializador da aquisição da linguagem. Saussure acredita na transformação da língua através de seu exercício em sociedade, onde está modificará a língua de acordo com suas necessidades. Piaget demonstra a criança modificando o processo de comunicação de acordo com suas necessidades, porém, a medida em que se associa ao ambiente se relacionando e propondo trocas com estímulos externos também adquire signos convencionados que serão utilizados futuramente para a comunicação em sociedade.

Em última análise, a aproximação entre Piaget e Saussure dá-se através de conceitos de implicação semelhante. Suas divergências não são supressoras uma vez que a aquisição da linguagem pela criança é somente uma das implicações para esse evento. Conclui-se que Piaget sofre influência nas ideias de signo e símbolo, assim como torna epistemologicamente comprovado as associações que Piaget descreve como critério de arbitrariedade. A relação verbal da criança com a língua em paralelo a sua construção anatômica principalmente de músculos da face corrobora para o uso do aparelho vocal em prol da linearidade do signo. Dessa forma, observa-se que Piaget demonstra a criança como sujeito para diversos conceitos de Saussure, complementando-se através do linguista.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Ética à Nicômacos.*Eudoro Souza (trad) Ed 4. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. Ed 2. São Paulo: Contexto, 2022. p. 113-126.

FIORIN, José Luiz. *Linguística? Que é isso?*. São Paulo: Contexto, 2015.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. Izidoro Blikstein, José Paulo Paes (trad.). São Paulo: Cultrix, 1991.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual de linguística*. Ed 2. São Paulo: Contexto, 2022.

PIAGET, Jean. *A Epistemologia Genética; Sabedoria e Ilusões da Filosofia; Problemas de Psicologia Genética*. Nathanael C. Caixeiro; Zilda A. Daeir; Célia E.A. Di Pietro (trad.) Ed 2. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PIAGET, Jean; INHELDER, Barbel. *A psicologia da criança*. Octavio M. Cajado (trad.). São Paulo: Difel, 1986.
RAMOZZI-CHIAROTTINO, Zélia. Epistemologia Genética e a aquisição da linguagem. In: QUADROS, Ronice Müller. *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis: Ed da UFSC,2008. p. 49-68.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Antônio Chelini (trad) Ed 27. São Paulo: Cultrix, 2006.

TASSINARI, Ricardo Pereira. *O Sistema de Operações sobre Signos segundo a Epistemologia*. In: UNESP. 2010. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/RicardoTassinari/SOSEG.pdf Acesso em: 28 nov. 2022.